

Coleção
Pensamento Contemporâneo 5

Jelson Oliveira

**A SOLIDÃO COMO
VIRTUDE MORAL
EM NIETZSCHE**




CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

**A SOLIDÃO COMO
VIRTUDE MORAL
EM NIETZSCHE**

Jelson Oliveira

**A SOLIDÃO COMO
VIRTUDE MORAL
EM NIETZSCHE**

Coleção Pensamento
Contemporâneo, 5

**CHAMPAGNAT**
EDITORA • PUCPR

Curitiba
2010

© 2010, Jelson Oliveira
2010, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
EDITOR-CHEFE Prof. Vidal Martins

CONSELHO EDITORIAL

Cesar Augusto Kuzma
Fernando Hintz Greca
Humberto Maciel França Madeira
Luiz Alexandre Solano Rossi
Maria Alexandra Viegas Cortez da Cunha
Rodrigo José Firmino
Rodrigo Sánchez Rios

COORDENAÇÃO Ana Maria de Barros
BIBLIOTECÁRIA Viviane Gonçalves de Campos – CRB 9/1490
CAPA Silvana Carla Garcia Kuss, adaptação de Felipe Machado de Souza
IMPRESSÃO Gráfica da APC
NÚCLEO DE APOIO EDITORIAL Christopher Hammerschmidt
Edena Maria Beiga Grein
Felipe Machado de Souza
Giuliani Carneiro Dornelles Sato
Rene Faustino Gabriel Junior

PROJETO GRÁFICO Roberta Ferreira de Mello
DIAGRAMAÇÃO Felipe Machado de Souza
REVISÃO DE TEXTO Bruno Pinheiro

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 3º andar
Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. (41) 3271-1701 - Fax (41) 3271-1435
e-mail: editora.champagnat@pucpr.br - www.editorachampagnat.pucpr.br

O48s Oliveira, Jelson
A solidão como virtude moral em Nietzsche / Jelson
Oliveira. – Curitiba : Champagnat, 2010.
200 p. ; 21 cm. (Coleção pensamento contemporâneo ; 5).

Inclui referências.
ISBN 978-85-7292-223-4

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. 2. Filosofia alemã. 3. Ética. I. Título. II. Série.

CDD 193



Paulatinamente esclareceu-se, para mim, a mais comum deficiência de nosso tipo de formação e educação: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – *a suportar a solidão*.

(Nietzsche, *Aurora*, § 443)

E continuar senhores de nossas quatro virtudes: coragem, perspicácia, simpatia e solidão. Pois a solidão é conosco uma virtude, enquanto sublime pendor e ímpeto para o asseio, que percebe que no contato com as pessoas – ‘em sociedade’ – as coisas se dão inevitavelmente sujas. Toda comunidade torna, de algum modo, alguma vez, em algum lugar – comum, vulgar.

(Nietzsche, *Além do bem e do mal*, § 284)

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| LISTA DE ABREVIATURAS DOS ESCRITOS DE NIETZSCHE..... | 9 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 A SOLIDÃO COMO DESENGAJAMENTO MORAL ... | 25 |
| 1.1 Crítica da modernidade | 31 |
| 1.2 Condição para a liberdade do espírito..... | 38 |
| 1.3 Aproximação de si mesmo | 41 |
| 2 A SOLIDÃO COMO CRÍTICA À MORAL DO REBANHO | 45 |
| 2.1 O racionalismo como instrumento gregário | 49 |
| 2.2 Sujeito e predicado | 51 |
| 2.3 A consciência: mundo exterior <i>versus</i> mundo interior | 54 |
| 2.4 Expressões da moral gregária | 58 |
| 2.5 Algumas características da moral de rebanho segundo a crítica de Nietzsche | 63 |
| 2.5.1 Inversão de valores..... | 64 |
| 2.5.2 Negação da imanência..... | 74 |
| 2.5.3 Enfraquecimento dos instintos..... | 80 |
| 2.5.4 Seguimento dos costumes..... | 92 |
| 2.5.5 Negação de si mesmo..... | 99 |

| | | |
|------|--|-----|
| 3 | A SOLIDÃO COMO VIRTUDE MORAL | 105 |
| 3.1 | A virtude como interpretação | 107 |
| 3.2 | A solidão como asseio e revigoração | 111 |
| 3.3 | Expansão <i>versus</i> conservação da vida, ou o ascetismo como enfermidade | 122 |
| 3.4 | A <i>grande saúde</i> da solidão | 129 |
| 3.5 | A solidão como condição de elevação do homem | 132 |
| 3.6 | Solidão e deicídio | 139 |
| 3.7 | A solidão como virtude inicial da <i>moral do futuro</i> | 144 |
| 3.8 | O homem da solidão como o <i>tipo</i> do futuro | 153 |
| 3.9 | A reverência por si mesmo | 159 |
| 3.10 | A vida como hierarquia de valores..... | 163 |
| 3.11 | Hierarquia como ordem natural..... | 169 |
| 3.12 | <i>Agon</i> : a disputa como virtude moral..... | 174 |
| 3.13 | A solidão como critério da amizade..... | 184 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 191 |
| | REFERÊNCIAS | 197 |

LISTA DE ABREVIATURAS DOS ESCRITOS DE NIETZSCHE

Utilizamos como referência para este trabalho a edição das obras de Nietzsche organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: os 15 volumes da *Kritische Studienausgabe* (KSA) e os 8 volumes da *Kritische Studienausgabe der Sämtlichen Briefe* (KSB). Para as citações, faremos uso das siglas convencionais:

| | |
|--------------------|---|
| NT | O nascimento da tragédia |
| [GT] | [<i>Die Geburt der Tragödie</i>] |
| CP | Cinco prefácios a cinco livros não escritos |
| [CV] | [<i>Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern</i>] |
| VM | Sobre verdade e mentira no sentido extramoral |
| [WL] | [<i>Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne</i>] |
| Co. Ext. II | Considerações extemporâneas II: da utilidade e desvantagem da História para a vida |
| [UB, II] | [<i>Unzeitgemässe Betrachtungen II: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben</i>] |
| HH | Humano, demasiado humano I |
| [MA, I] | [<i>Menschliches allzumenschliches (vol. 1)</i>] |
| A | Aurora |
| [M] | [<i>Morgenrötte</i>] |
| GC | A gaia ciência |
| [FW] | [<i>Die fröhliche Wissenschaft</i>] |
| [KSA] | Edição crítica em 15 volumes (organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari) |
| | [<i>Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden</i>] |

| | |
|------------|--------------------------------|
| ZA | Assim falou Zaratustra |
| [ZA] | [Also sprach Zarathustra] |
| ABM | Além do bem e do mal |
| [JGB] | [Jenseits von Gut und Böse] |
| GM | Genealogia da moral |
| [GM] | [Zur Genealogie der Moral] |
| CW | O caso Wagner |
| [WA] | [Der Fall Wagner] |
| CI | Crepúsculo dos ídolos |
| [GD] | [Götzen-Dämmerung] |
| AC | O anticristo |
| [AC] | [Der Antichrist] |
| EH | Ecce homo |
| [EH] | [Ecce Homo] |
| NW | Nietzsche contra Wagner |
| [NW] | [Nietzsche contra Wagner] |

INTRODUÇÃO

A história do Ocidente, segundo Nietzsche, é o desdobramento de um drama moral que transformou a cultura numa vertical experiência niilista, resultado do processo civilizatório que ergueu suas referências axiológicas a partir da criação de um simulacro de mundo em oposição ao mundo “efetivo”. Contrapondo-se a este drama, Nietzsche concebe uma nova base para o edifício moral, não mais a partir do reconhecimento ou das tentativas de fundamentação da moral, mas da tentativa de colocar a própria importância da moralidade em questão. Reside aí o procedimento que, genealógico, quer fazer emergir a “história da gênese do pensamento” (HH, 19) e identificar nessa história o problema do *valor* dos valores.

Não se trata, no entanto, de uma tentativa de abandono radical da moralidade, aos moldes de um *laissez aller* que conduziria à famosa pecha, tantas vezes associada a Nietzsche, de um antimoralista ou arquirrelativista, ou mesmo de presidente da grande cerimônia fúnebre de Deus, a partir de quando tudo estaria permitido. Entendida como um meio de elevação do homem e da vida, por meio da expansão da força e crescimento do poder, da afirmação incondicional dos instintos¹ e do humano em sua múltipla e complexa integralidade, bem como da própria natureza, do mundo e das possibilidades que ele oferece,

¹ Os instintos não possuem em Nietzsche, como veremos, nenhum caráter ou intenção moral, posto que estão dissociados da consciência e de qualquer sentimento de prazer ou desprazer (cf. A, I, 38).

Nietzsche pode ser ligado a uma saudável tentativa de análise e de criação de novos patamares para pensar – e praticar – a moral. Nesse sentido, o autor alemão concebe uma moral como autoafirmação, do que depende a aquiescência do “si mesmo” e da vida em sua abundância de fenômenos. Na linguagem nietzscheana: uma moral que reconhece o tempo como devir (afirmação do instante, vivido radical e intensamente, redimindo o homem de sua vontade de vingança em relação ao passado) e como revelação da singularidade do próprio humano e de sua entrega à fluidez da efetividade, por meio do *amor fati*.²

É nos liames desta noção e desta experiência de moral que se insere o tema da solidão (*einsamkeit*) como crítica radical ao processo de rebaixamento do homem ocidental (a consequência do drama moral do Ocidente) e caminho para a elevação do humano a novos patamares morais. Em sua compleição, este ensaio parte da compreensão da filosofia nietzscheana a partir de suas indicações de crítica à moral enquanto processo civilizatório ocidental iniciado há cerca de 2.500 anos e, de maneira especial, aos seus reflexos no período moderno, um tempo consecutório e refém da noção de coletividade como critério absoluto de interpretação e criação de valores.

Tomamos o argumento nietzscheano como crítica radical a *um determinado tipo de moral* que eleva a gregariedade como único valor aceitável, tornando o homem social doente e fraco. Não se trata, como veremos, de uma crítica a todo e qualquer tipo de vida em comunidade, mas, antes, de uma crítica à supremacia da gregariedade, na medida em que esta concorre para o enfraquecimento da vida, assim como se dá por meio da

² EH, Porque sou tão esperto, 10: “que não se quer nada de outro modo, nem para adiante, nem para trás, em toda a eternidade”.

moral platônico-cristã. O empreendimento crítico de Nietzsche, ao apresentar a solidão como virtude moral, parte do diagnóstico representado pela metáfora da morte de Deus – e, portanto, pela ausência da meta e seus mecanismos de alcance e da solidão definitiva do homem diante da deidade judaico-cristã – para afirmar uma nova conduta moral, agora autônoma em relação ao paradigma divino. O anúncio da morte de Deus, assim, não representa a comemoração de um ato, mas a compreensão profunda de um processo que teve seu auge com o deicídio e que exige consequências radicais, cuja apreensão de sentido exige uma nova postura do homem em relação a si mesmo. Como símbolo de um movimento que retirou Deus para as coxias da sociedade moderna, a morte da divindade é apresentada por Nietzsche como sintoma do antropocentrismo e do humanismo, cuja afirmação do homem levou ao descrédito dos valores eternos.

Como tema recorrente e transversal na filosofia de Nietzsche, a solidão se apresenta com uma chave de leitura desse processo e como mote para a compreensão do diagnóstico nietzscheano. Em termos gerais, ela está ligada ao desengajamento de Nietzsche em relação à moral vigente, entendida por ele como detentora do brasão da igualdade e da gregariedade. A solidão, assim, aparece ligada à indispensável e urgente necessidade de que o humano reafirme a si mesmo e reintegre como critério moral o amor a si mesmo, geralmente recusado nas morais ocidentais, segundo a avaliação do filósofo alemão.

Já em sua primeira publicação, *O nascimento da tragédia*, de 1872, Nietzsche faz aparecer o tema ligado à raridade dos leitores capazes de apreciar a produção solitária de sua obra. Um ano depois, nas *Considerações extemporâneas*, o tema aparece muito claramente, ligado, por exemplo, à necessidade de que a cultura gere homens solitários, ou à necessidade de fazer uma

crítica ao passado enquanto excesso de história, fato que concorre para o enfraquecimento da vida e quebra da singularidade de forças criativas renovadoras,³ ou – como é o caso também do texto *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, de 1873 – no sentido de uma crítica ao próprio papel da educação na formação histórica que nega o cultivo de si em função do cultivo do passado, criando uma distância deste em relação ao presente.

Nesses textos, Nietzsche critica sua época no que ela tem de *febre histórica*: uma enfermidade caracterizada pela hipertrofia de história, pensada como um fenômeno morto ou como ciência pura. Em sua crítica intempestiva – contra e fora de seu tempo –, Nietzsche explora o caráter gregário desta noção de história: segundo ele, o homem gregário está à procura do ideal do rebanho, o qual vive feliz por não conhecer o tempo – o hoje, o ontem, o amanhã. O homem que sofre da *febre histórica* perde o seu “si-mesmo” porque está abarrotado de passado. Perde a criatividade porque se transforma em mero reproduzidor de conhecimento, como enciclopédia ambulante. Nele, tudo quanto é grande no presente e é “si-mesmo” é anulado como parte do passado, devendo ganhar o dossel da história, que calcula, capta e imprime o momento tão logo ele passa, volatilizando-o. O indivíduo vive uma erudição não convertida em vida; cada homem deve se mascarar como homem culto e científico, deixando de ser si mesmo: o resultado é que temos apenas seres humanos uniformes, ansiosamente mascarados, gregariamente moralizados. Neste processo a filosofia também é atingida e o filósofo vira um erudito: fica no passado (era uma vez) ou no futuro (mas se fosse) e esquece o agora. Filósofos viram máquinas de pensar e escrever. Esquecem que a história é *interpretação*

³ Segunda das *Considerações extemporâneas: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, publicada em 1874 (NIETZSCHE. *Obras incompletas*, p. 58-70).

de acontecimentos impenetráveis e só a partir da mais poderosa força do presente se pode interpretá-los. A hipertrofia da história mata as raízes do futuro, porque valoriza excessivamente o passado e priva o mundo de seu presente: este diagnóstico efetuado por Nietzsche em seus escritos de juventude vai atravessar toda a sua produção e marcar definitivamente o período de sua obra a partir de *Assim falou Zaratustra*, como pretendemos mostrar com este trabalho.

Outro exemplo da recorrência e transversalidade do tema da solidão na obra de Nietzsche é o texto inacabado *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (também escrito em 1873), no qual a verdade é estudada como convenção e o conhecimento como fábula, já que ser verdadeiro equivaleria a submeter-se às regras da coletividade. Segundo Nietzsche, a verdade gregária passou a valer como uma espécie de mentira pública, já que os homens comumente se esquecem de que ela não passa de convenção. É esta também a acepção da solidão tal como apresentada em *Humano, demasiado humano* (o primeiro volume datado de 1878 e o segundo volume de 1879-1880), no qual o filósofo explicita a sua crítica à metafísica, à religião e à arte como elementos que favoreceram o surgimento da crença absoluta na ficção gregária, resultado de uma recusa das coisas humanas como indignas.

Além disso, em *Aurora* (1881) e *A gaia ciência* (1881-1882; 1886) Nietzsche explicita o tema da solidão em vários momentos, mostrando como a moralidade foi até então um instinto gregário no indivíduo, associado ao conceito da moralidade dos costumes, que torna o homem cativo da tradição como autoridade superior. Principalmente em *Aurora* Nietzsche aponta de que forma a coletividade “odeia” o indivíduo, já que toda e qualquer violação da lei dos costumes recairia como castigo sobre toda a

comunidade. Assim, cada modo de pensar que seja individual e livre em relação à coletividade “provoca horror”. Diluir-se na coletividade, “mostrar-se como igual”, aparece como a grande virtude moral criticada pelo filósofo, que já esboça aí, a partir desses patamares, os argumentos que serão aprofundados mais tarde em relação à possibilidade de criação de novos valores a partir de uma nova concepção sobre a própria filosofia (o que é exposto, principalmente, no livro V de *Aurora*).

Nos escritos posteriores o tema ganha ainda mais destaque, a ponto de poder, no nosso ponto de vista, ser considerado como uma das melhores possibilidades de imergência no empreendimento filosófico de Nietzsche, já que, por seu intermédio, evocamos os elementos fundamentais e mais significativos de sua filosofia. Nosso ponto de partida, assim, é a convicção de que a solidão não é um tema fortuito ou episódico. O termo não é entendido por Nietzsche como um mero estado de espírito ou um isolamento pessoal derivado de determinadas situações e/ou vivências específicas, nem seu horizonte está reduzido apenas aos dados autobiográficos que o evocam,⁴ muito menos a crises pessoais de tristeza e consternação. A solidão aparece na filosofia de Nietzsche como característica necessária à tarefa filosófica e parte constitutiva dela. Como crítico radical da moral vigente,

⁴ Nietzsche, como é sabido, foi vítima de dores, indisposições e enfermidades constantes, principalmente a partir de 1873 e durante a maior parte de sua vida posterior, fato que o levou a viver meses inteiros em completo isolamento. Graças ao empenho de amigos, recebia uma pensão da Universidade de Basileia e viveu seus dias com modéstia, viajando por vilarejos suíços, italianos, franceses e alemães, em busca de “ar puro” que lhe devolvesse alguma saúde. Mesmo doente e depois de atravessar profundas crises, renascia das próprias cinzas e recuperava a alegria de viver, reconhecendo a dor e o sofrimento como parte da vida – amava-a como inevitável. É este o pensamento que encontramos no aforismo 354 do livro IV de *Aurora*: “tal como somos agora, podemos suportar uma boa quantidade de desprazer, e nosso estômago é regulado para esse pesado alimento. Sem ele, talvez julgássemos insípida a refeição da vida; e sem a boa vontade para a dor teríamos que deixar de lado muitas alegrias!”.

diagnosticada como moral gregária, o filósofo alemão confere à solidão um status de *virtude*:⁵ revigoradora, ela concorre para manter o ser humano longe do “embuste” e do “veneno” promovido pela vida social gregária. É assim que, em seu caráter profilático, a solidão proporciona uma nova organização hierárquica, permitindo que o indivíduo solitário se ponha à distância da vulgaridade da massa. Associado muitas vezes ao verdadeiro filósofo (e ao próprio Nietzsche), esse homem da solidão é o homem das alturas, que sofre no gelo e respira o ar puro das altas montanhas:

Quem sabe respirar o ar dos meus escritos sabe que é um ar da altitude, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto, a solidão é descomunal – mas com que tranqüilidade estão todas as coisas à luz! com que liberdade se respira! quanto se sente *abaixo* de si! – filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária em gelo e altas montanhas (EH, Prólogo, 3, grifos do autor).

O parágrafo é muito elucidativo ao explicitar a compreensão nietzscheana da própria *filosofia enquanto tarefa solitária* – ou seja, de homens que se distanciam do vulgo e promovem experimentações consigo mesmos, a partir de seu

⁵ “Pois a solidão é uma virtude, como uma sublime inclinação e ímpeto de asseio, que adivinha que no contato com os homens – ‘em sociedade’ – as coisas têm que ocorrer de maneira inevitavelmente suja” (ABM, 284). O aforismo deixa transparecer que a noção de *solidão como virtude* implica dois movimentos: um primeiro é o movimento de crítica radical à noção de virtude tal como ela se apresenta na moral de rebanho (que reconhece como virtude apenas as práticas que favorecem a conservação da vida coletiva); um segundo movimento diz respeito à instauração da solidão como processo de revigoramento e caminho para a *grande saúde* (noção que Nietzsche explicita como resultado do aprofundamento do ser humano em vista da superação do estado degenerativo que a moral tenta manter).

próprio isolamento. Trata-se de um indicativo metodológico para “tornar-se o que se é”: o alcance do argumento que serve de subtítulo ao livro autobiográfico de Nietzsche (*Ecce homo*) passa pela solidão, como caminho para a aquisição do “si mesmo” perdido na relação com a coletividade gregária. Além disso, revela a estrita relação da solidão com a própria filosofia, já que “tornar-se o que se é” passa a ser a tarefa – e a característica – principal do filósofo.

Esse parágrafo, outrossim, reflete um aparente paradoxo no tema da solidão como algo “voluntário”, ou seja, que se escolhe e se deseja, de um lado; e algo que faz sofrer e que é preciso suportar, de outro. Essa dupla característica da solidão retrata o rompimento de Nietzsche com a visão dualista de mundo e integra em uma mesma base filosófica o ângulo do prazer e o da dor, como parte de um mesmo processo de constituição humana. As imagens do “gelo” e das “alturas” – muito pouco aconchegantes – evocam a fortaleza e a energia necessárias para enfrentar essas intempéries. Ao mesmo tempo, a “tranquilidade” e a “luz”, a “liberdade” e a boa “respiração”, revelam o sentido higiênico e restaurador da solidão: só quem enfrenta as alturas pode respirar o ar puro e adquirir a “grande saúde”. Assim, a solidão transforma-se num *exercício de expansão de força* e de combate do homem nobre por mais poder.

Uma terceira característica dessa solidão é seu caráter classificatório: como o ar da montanha é “forte” e “gélido”, é um ar para poucos, para aqueles que são “feitos para ele”. Só os *fortes e saudáveis* conseguem absorver perigosamente o ar puro da solidão de si mesmo, dos lugares longínquos e inóspitos. Contrastando com as “alturas da montanha”, o homem solitário também sente o quanto há “abaixo de si”: *a solidão estabe-*

ce a distância, cria hierarquia,⁶ como resultado de um “*pathos* de distância”⁷ que, ao mesmo tempo, torna-se consequência dessa capacidade de isolamento própria dos nobres. O homem solitário sabe que está acima da vulgaridade gregária e que esta respira o ar poluído no ambiente deplorável do *mercado*, com o “ruído dos grandes comerciantes e o zumbido das moscas venenosas” (ZA I, Das moscas do mercado). O homem da solidão é o homem forte que

⁶ O conceito de hierarquia (em alemão, *rangordnung*) é um conceito caro a Nietzsche. Segundo nota do tradutor Paulo César de Souza, em *Além do bem e do mal*, o termo usado em português deve sua origem à língua grega, “formada a partir de *hierós* [sagrado] e *archéin* [governar]”, estando ligada, primeiramente, à hierarquia eclesiástica, portanto (por isso a derivação de *hierós* – sagrado). O tradutor esclarece ainda que em alemão a palavra tem uma outra origem, “sendo composta de *Rang* [linha, fileira, grau, posto; *rank*, em inglês] e *Ordnung* [ordem, ordenação, disposição]”. A nota ajuda a revelar os limites da palavra *hierarquia* para a completa compreensão desta noção nietzscheana: trata-se de um grau de ordenamento, de uma ordem onde cada coisa está no seu devido lugar, como resultado de uma organização. Nos termos da filosofia nietzscheana, como veremos mais especificamente no terceiro capítulo deste trabalho, o termo está relacionado a uma capacidade de reconhecer os “lugares” de cada coisa, pessoa ou sentimento como expressão da expansão da vida, em contraposição a uma desorganização dos afetos, que revela justamente a degeneração e a doença, características dos homens fracos.

⁷ A expressão grafada transliteralmente do termo grego é usada por Nietzsche para exprimir o *afeto* de sentir-se (está ligada a um estado emocional e psíquico, portanto) em posse de si mesmo por meio da plena realização de suas pulsões e, como resultado disso, reconhecer-se como *destacado* em relação aos “homens baixos” da moral gregária (que parte da negação desses impulsos individuais em função da preservação da coletividade). Além de em ABM, 257, o termo aparece na mesma acepção, por exemplo, em GM I, 2 (“Desse *pathos* de distância é que eles [os nobres] tomaram para si o direito de criar valores”) e AC, 43, em que Nietzsche denuncia a “fatalidade do cristianismo” na medida em que os valores gregários se transportaram para a política, influenciando os governantes, que não se sentem mais como *destacados*, mas, ao contrário, vivem em busca da igualdade (“Ninguém na atualidade conserva a audácia dos privilégios, dos direitos de dominação, do sentimento de respeito por si próprio e pelos seus pares, da coragem de um *pathos* de distância...”). Enfim, a *distância* aparece como *pathos* no sentido em que o homem forte é aquele que possui em si mesmo o sentimento de poder que o distancia dos demais homens do rebanho, como um refinado sentimento de domínio sobre si, de soberania e autorregulação.

sobe a montanha e escapa do pífio mundo da massa, aceitando os riscos de “resfriar-se” e vencendo estes óbices com sua força. Deste primeiro “*pathos* de distância” como afeto do homem aristocrático em relação aos seus súditos, Nietzsche deriva o que ele mesmo chama de “aquele outro *pathos*, ainda mais misterioso, o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma” (ABM, 257). Significa dizer que Nietzsche distingue a existência de um *pathos* de distância em âmbito social desde onde devém um segundo *pathos*, em âmbito individual e psíquico, corroborando o fato de que a solidão não pode ser reduzida apenas a um processo “interior”, mas que, enquanto tal, ela deriva de um processo de reconhecimento da distância em relação à coletividade gregária. Este sentimento de distância é que caracteriza o homem nobre: é importante reparar que essa distinção aparece no primeiro parágrafo do capítulo nono de *Além do bem e do mal*, que traz como título a pergunta “O que é nobre?”. Ora, nobre é, primeiramente, o criador de valores, é a possibilidade de elevação do tipo homem mediante o sentimento de distância, da hierarquia (“diferenças de valor”) que o homem nobre estabelece com outro homem e, conseqüentemente, dele consigo mesmo, na busca de “estados mais elevados” que podem conduzir à “auto-superação do homem”.

Sob a análise desse fragmento evocamos a proposta deste ensaio, caracterizado como um exame do papel da solidão na filosofia tardia de Nietzsche, atendo-se ao seu caráter de “virtude moral”. Para tanto, será necessário perquirir a crítica nietzscheana à noção de filosofia e de moral tal como tem se apresentado até então. Além disso, será preciso analisar o tema sob o viés da crítica nietzscheana à moral do rebanho, considerando primeiramente a própria noção de crítica radical dos valores, para, em seguida, estabelecer as principais alegações de Nietzsche contra o

Impresso na Gráfica da APC

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prado Velho - CEP 80215-220

Telefone: (41) 3271-1769 - Fax: (41) 3271-1577

Curitiba - Paraná - Brasil

A presente edição foi composta pela Editora Universitária Champagnat e impressa na Gráfica da APC, em sistema *offset*, papel *offset* 75g/m² (miolo) e papel supremo 250g/m² (capa), em setembro de 2010.